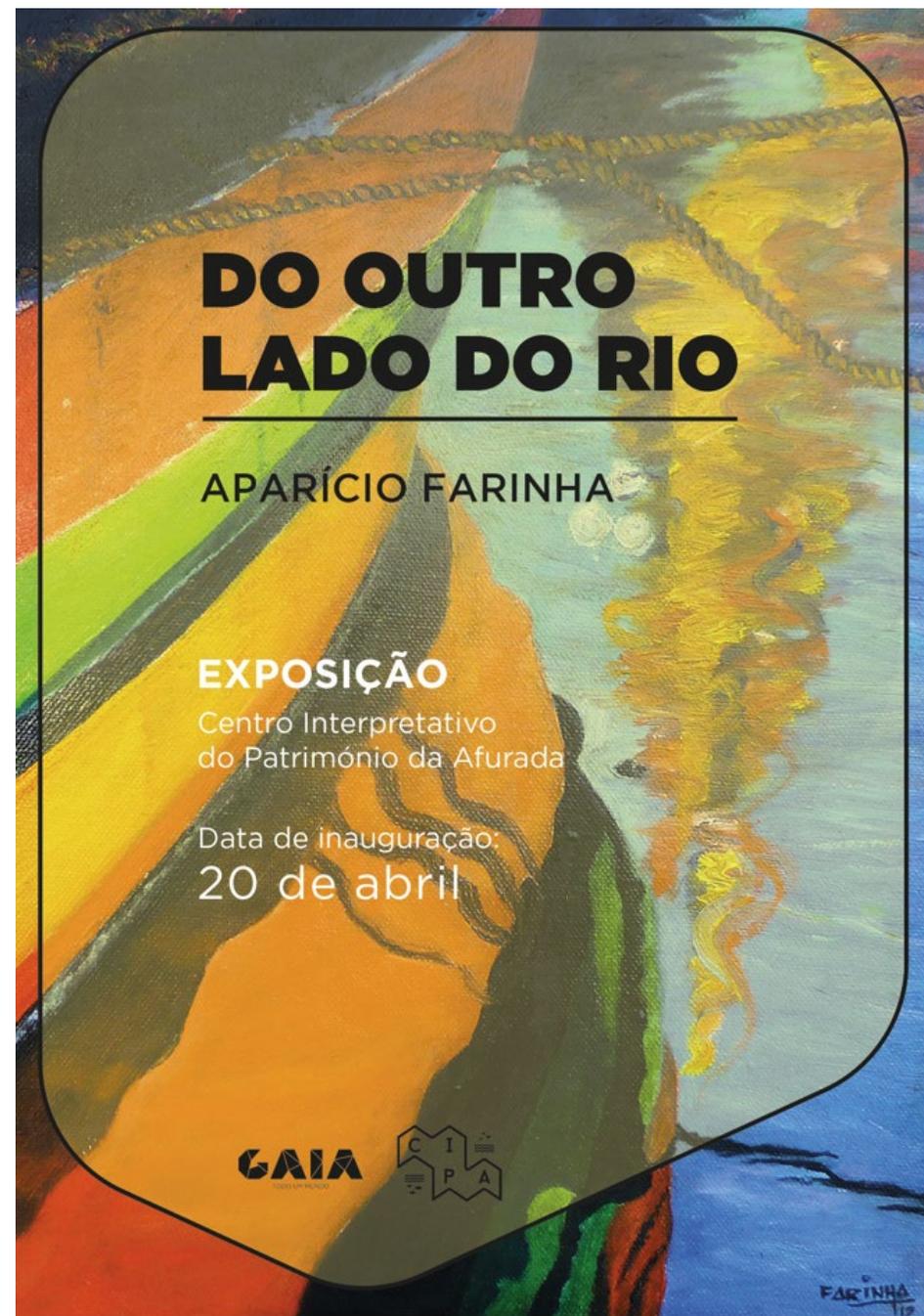


CIPA – Centro Interpretativo do Património da Afurada

Rua António dos Santos, 10
4400-365 Afurada
(+351) 227 710 093
cipa_pbiologico@cm-gaia.pt
GPS: 41°08'37.17"N 8°38'49.5"W

Aberto todos os dias, incluindo fins de semana (10.00 - 12.30 / 13.30 - 18.00)



APARÍCIO FARINHA

Biografia

Nasceu em 1946, em Vila Nova da Telha, vive em Nogueira, do concelho da Maia. Licenciado em Engenharia Civil (FEUP). Curso Livre de História de Arte Portuguesa, da Reitoria da Universidade do Porto. Cursos de História de Arte Moderna e Contemporânea, Arte Portuguesa no Século XX e História de Arte dos Séculos XIX E XX em Portugal, da Fundação de Serralves. Frequentou Ateliers Livres de Pintura da Cooperativa Árvore - Porto e o atelier de Mestre Alberto Péssimo. Cursos Prático de Pintura e Intensivo de Aquarela (FBAUP). Participou em várias exposições individuais, desde 2005 e em inúmeras exposições colectivas, desde 2003.



Iniciou-se na gravura em 2019, tendo participado em inúmeras exposições na Europa, México e na América do Sul.

Distinguido com diversos prémios e menções honrosas. Encontra-se representado em diversas coleções institucionais e particulares, em Portugal e no estrangeiro.

Contacto(s):

aartedofarinha.blogspot.com

[Facebook/apariciofarinha](https://www.facebook.com/apariciofarinha)

E-mail: asfarinha@hotmail.com

Telemóvel: 964643558

Sinopse

" DO OUTRO LADO DO RIO "

Do outro lado do Rio - como dizia Raul Brandão - viam-se duas ou três ruas onde se apinham casas, essa era a interpretação do lugar da Afurada de quem estava na outra margem. Tal como Raul Brandão, mas noutro tempo e com outra arte, Aparício Farinha interpreta este lugar com a sua sensibilidade.

Nesta exposição o autor traz-nos um conjunto de trabalhos que desenvolveu a pensar no Douro, no Porto, nas margens deste Rio. Nestas margens irrepetíveis que durante milénios viram os barcos a entrar e a sair da barra.

Aqui foram ficando gravadas as marcas da nossa civilização. Marcas pelas quais, hoje, passamos sem prestar atenção, mas que contam a história de um povo ribeirinho sempre voltado para o mar.

Para nos lembrar a importância das nossas raízes é preciso que alguém se disponha a vir ler estas marcas e a interpretá-las para o nosso tempo.

Um tempo que ecoa com outras preocupações de carácter mais global, mais fora da barra, mas que fazem também eco nas nossas margens. O autor traz-nos essas inquietações com cenários naturais, árvores e biodiversidades ameaçadas. Do conjunto dessas impressões se faz esta exposição que traz também alguma cor aos nossos dias.

Francisco Saraiva